

O feminino em diálogo entre *Medeia* e *No pântano dos gatos...*, de Marina Carr

The feminine in dialogue between *Medea* and *By the bog of cats...*, by Marina Carr

RESUMO

Letícia Reolin Comunello
leticiacomunello@alunos.utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil

Mariese Ribas Stankiewicz
marieser@utfpr.edu.br
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, Paraná, Brasil

Tendo em vista que, independentemente da época ou do local, algumas características femininas continuam sendo estigmatizadas, este trabalho propõe uma reflexão sobre a representação da mulher em *Medeia*, de Eurípedes (431 a.C.), em paralelo com Hester Swane, de *No Pântano dos Gatos...*, de Marina Carr (1998). Assim, este trabalho tem como principal objetivo a análise da relação dialógica acerca da representação da mulher entre as duas peças traduzidas ao português, respectivamente, por Mário da Gama Kury (1991) e por Alinne Balduino Pires Fernandes (2017). Nesse sentido, tomamos como ponto de partida deste estudo um questionamento sobre como as relações de gênero são apresentadas nas duas peças e em que medida refletem posicionamentos patriarcais encontrados na sociedade. Para que este estudo fosse possível, foi importante constarmos semelhanças e diferenças entre as protagonistas, e compreendermos alguns pontos fundamentais de teorias de gênero, como a de Michelle Perrot (2007) e a dos diálogos discursivos de Mikhail Bakhtin (1981).

Recebido: 19 ago. 2020.

Aprovado: 01 out. 2020.

Direito autoral: Este trabalho está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.



PALAVRAS-CHAVE: Teatro irlandês. Teatro grego. Representação do feminino.

ABSTRACT

Considering that, regardless of the time or place, some female characteristics keep on being stigmatized, this article proposes a reflection about the woman in *Medea*, by Euripides (431 B.C.), in parallel with Hester Swane, from *By the Bog of Cats...*, by Marina Carr (1998). Therefore, this article aims the analysis of the dialogue existing between two plays translated to Portuguese, respectively, by Mário da Gama Kury (1991) and Alinne Balduino Pires Fernandes (2017). In this sense, we started this study by questioning how the gender relations are presented in both plays and how they reflect the patriarchal aspects found in society. To make this study possible, it was important to realize the similarities and differences between the protagonists, and to understand some fundamental points of gender theories, as the one by Michelle Perrot (2007) and the discursive dialogues by Mikhail Bakhtin (1981).

KEYWORDS: Irish theatre. Greek theatre. Representation of the feminine.



INTRODUÇÃO

Mesmo que a essência da mulher enredada em *Medeia* e em outras tragédias antigas seja difícil de ser completamente entendida, uma vez que, sua imagem foi construída e filtrada por parâmetros masculinos, verificamos que as características femininas nelas representadas são atemporais, ou seja, o ser feminino nas tragédias gregas ainda inspiram a elaboração de textos literários, pictóricos, filmicos ou teatrais, entre outros, na contemporaneidade. Exemplo disso é a peça *No Pântano dos Gatos...* (1998), escrita pela dramaturga irlandesa Marina Carr, que tem como principal relação dialógica a *Medeia*, de Eurípedes (431a.C.).

Em vista dos estudos acadêmicos feitos, tendo como base a peça *No Pântano dos Gatos...*, verificamos que uma análise mais aprofundada sobre a interação dialógica entre a peça de Carr e *Medeia*, especialmente, no que diz respeito à representação da mulher (no cenário irlandês), tem sido menos frequente e não totalmente desenvolvida. Tomando emprestada a famosa frase de Simone de Beauvoir (1967, p. 9) de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, é possível refletir sobre como as experiências da protagonista, Hester, influenciaram suas decisões e comportamentos, em paralelo com as de *Medeia*, e verificar que a mulher continua sendo estigmatizada, independentemente da época ou do local em que se encontra. Em suma, é dentro das perspectivas das interações dialógicas e feministas que esta pesquisa se insere.

Dessa maneira, este artigo tem como objetivo analisar o diálogo existente entre *Medeia*, traduzida por Mário da Gama Kury (1991), e *No Pântano dos Gatos...*, em uma tradução de Alinne Balduino Pires Fernandes (2017), no sentido de verificar um paralelo entre suas protagonistas. Para que isso seja possível, buscamos compreender, primeiramente, que os padrões utilizados para a construção dessas personagens (dessas mulheres) são culturalmente pré-estabelecidos por modelos patriarcais para a sociedade. No entanto, a desconstrução da personagem em *No Pântano dos Gatos...* faz com que esta história tome um novo rumo de entendimento do “ser feminino”. Assim, além de uma estruturação dos estudos dos diálogos discursivos de Mikhail Bakhtin (1981), esta análise também levou em conta alguns pontos de teorias do gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

DIÁLOGOS E ELOS LITERÁRIOS EM *NO PÂNTANO DOS GATOS...*

Da mesma forma de outros trabalhos de dramaturgos irlandeses, tais como Brian Friel, Sebastian Barry e Frank McGuinness, entre outros, muitas das peças de Carr apresentam elementos de lendas, folclore e mitos irlandeses, como a peça analisada neste trabalho, a qual traz a questão dos *Irish Travellers* ao lado da mitologia grega. Tratando-se da perpetuação do cânone irlandês, Melissa Sihra (2003, p. 94 *apud* FERNANDES, 2018, p. 33) afirma que

[a] tradição teatral irlandesa permanece literária: há uma ênfase contínua na narrativa, no ato de se contar uma história, e na linguagem. Essa ênfase se dá não simplesmente como um modo de

comunicar, mas como uma investigação dos processos de construção da memória e da identidade.

Nesse sentido, segundo Fernandes (2018, p. 33), o uso de mitos clássicos é o que confere aos trabalhos de Carr a noção de atemporalidade. Sendo assim, ainda que *No Pântano dos Gatos...* seja constituída com inúmeros traços da cultura irlandesa, características femininas de um passado longínquo, como são as de Medeia, ainda dialogam com as da mulher atual, seja ela irlandesa ou de outras nacionalidades.

Particularmente, *No Pântano dos Gatos...* se caracteriza como uma apropriação de *Medeia*. Julie Sanders (2006, p. 26) elabora que a apropriação “afeta uma jornada mais decisiva para fora do texto-fonte em direção a um produto ou domínio cultural inteiramente novo, [... ou seja,] o texto ou textos apropriados não são sempre tão claramente sinalizados ou reconhecidos no processo adaptativo”. Por outro lado, Linda Hutcheon (2006, p. 19) verifica que apropriação é como “tomar posse da história de alguém e filtrá-la, nesse sentido, através da sensibilidade, dos interesses e dos talentos de outra pessoa”. De um modo geral, apropriar é fazer com que um texto-fonte se transforme em um texto diferente, mas não tão completamente diferente ou incapaz de deixar seus vestígios. O novo texto que surge como resultado da apropriação mantém um constante diálogo com o texto apropriado.

Os discursos e as imagens de personagens de tragédias antigas quando espelhados em textos modernos se encontram em uma zona de potencial diálogo tanto com seus autores como com seus leitores e espectadores; eles estão, de acordo com Bakhtin (1981, p. 45) “em uma zona de contato dialógico”. O que Bakhtin elabora sobre o romance, também podemos entender para os discursos romancizados (ligados ao seu aspecto social), neste caso, também para o enredo de uma peça teatral:

A linguagem literária não é representada [...] como uma linguagem unitária, completamente finalizada e indiscutível – é representada precisamente como uma mistura viva de vozes variadas e opostas [raznorečivost’], desenvolvendo-se e renovando-se. A linguagem do autor se esforça para superar a ‘literalidade’ superficial dos estilos moribundos e obsoletos e as linguagens ligadas à moda de um período; ela [a linguagem] se esforça para renovar-se recorrendo aos elementos fundamentais da linguagem popular (o que não significa, contudo, explorar as contradições vulgares, grosseiramente óbvias, entre a linguagem popular e seus outros tipos). (BAKHTIN, 1981, p. 49).

Segundo Bakhtin, ao conversar com os clássicos, um novo texto surge como uma reinterpretação da realidade na contemporaneidade. Não há, portanto, uma degradação de um texto que pertence apenas ao passado, pelo contrário, existe uma renovação de sentidos que se faz com uma renovação da linguagem. Nesse sentido, a *Medeia* que é trazida ao palco irlandês, não é a *Medeia* de Eurípedes em sua íntegra; é uma *Medeia* renovada no contexto dialógico e capaz de manter um diálogo com o público atual.

No Pântano dos Gatos... utiliza imagens de *Medeia* por meio de uma aproximação com elementos culturais, sociais e literários irlandeses. Esta peça

também concentra um desenvolvimento mais psicológico e cultural, que pode ser observado em elementos como os cisnes, o pântano e os *Irish Travellers*, característicos da cultura irlandesa. A peça de Carr é uma elaborada (e mesmo paródica) adaptação de outros textos. Com essa peça, a dramaturga parece criticar a maneira como as mulheres costumam ser representadas, assim como a questão de como os *Irish Travellers* são vistos pela sociedade irlandesa. A autora utiliza-se da figura de Medeia para representar o feminino, e de elementos em histórias irlandesas, para aproximar seu texto do público irlandês.

Em suma, é por meio da apropriação que Carr consegue criar uma importante relação dialógica entre a Medeia contemporânea (Hester) e a Medeia de Eurípedes, a fim de nos mostrar que, independentemente da época, os discursos e construções patriarcais continuam fazendo parte da sociedade. Mesmo inseridas em espaços sexistas e patriarcais, tanto Medeia quanto Hester desenvolvem sua própria voz e agem de acordo com suas próprias convicções, decidindo seus próprios fins, com seus suicídios.

O PAPEL FEMININO, MULHERES E MEDEIAS

Ainda que muitas coisas tenham mudado ao longo dos últimos anos, a sociedade não está completamente preparada para receber a mulher da mesma maneira que recebe um homem, pois, certamente, o que lhe fez mais insignificante foi o longo silêncio de seu discurso na história. Michelle Perrot afirma que as mulheres

[...] atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a *stasis*, a desordem. Sua fala em público é indecente. (PERROT, 2007, p. 16-17)

Assim, a mulher era (e ainda é) construída, moldada, na sociedade e, conseqüentemente, desvalorizada. Para que ela realmente fizesse parte da história teria que ser “piedosa ou escandalosa” (PERROT, 2007, p. 18), teria que enfrentar a sociedade de uma forma que era pensada como artificial, desordeira e caótica, ou seja, com um certo terrorismo, com sua crueldade ou maldade, como foi o caso de Medeia, personagem de lendas e mitos conhecidos por Eurípedes.

Medeia era uma feiticeira habilidosa, filha de um dos inimigos de seu futuro marido, Jasão, e neta do Sol. Hera, a esposa de Zeus, fez com que Medeia se apaixonasse por Jasão, e prometeu a ele as vitórias das complicadas tarefas que havia em seu caminho para o trono, apenas se aceitasse casar-se com Medeia e ser fiel a ela para sempre. Jasão prometeu que a amaria e ser-lhe-ia fiel, mas anos depois se encantou por Glauce, filha de Creonte, abandonando Medeia e os filhos que teve com ela.

Eurípedes se concentrou em proporcionar à Medeia uma oportunidade de vingar-se de Jasão. Como Mário da Gama Kury (EURÍPEDES, 1991, p. 13) observa, “[o] amor de Medéia [sic] em sua evolução para o ódio assassino, seu orgulho ferido, sua ferocidade, sua astúcia, são pintadas por Eurípedes com mão de mestre e simpatia”. O dramaturgo mostra ao público a questão da destituição de Medeia

de tudo aquilo que a ela era permitido cuidar – seu lar, seus filhos, seu marido, e como essa destituição a transtorna e a enlouquece. Eurípedes mostra a dor e o constrangimento de Medeia, fazendo com que o espectador se compadeça de seus sentimentos.

A abertura de *Medeia*, que segue os padrões das peças clássicas, concede-nos uma detalhada descrição dos desdobramentos dos últimos acontecimentos e, também, fornece-nos algumas das orientações do que irá acontecer futuramente. De fato, podemos perceber o amor e a devoção que Medeia tem por Jasão e, quase que abruptamente, como estes se transformam em um transtorno enlouquecido e em um desejo insano por vingança.

Diferentemente, em *No Pântano dos Gatos...*, sabemos sobre os acontecimentos da vida de Hester ao longo de toda a peça. Ao invés de uma Medeia chorosa, encontramos uma mulher em um estado de reflexão, representado pelo diálogo que faz com Aquele que Espreita Almas, que lhe diz que veio “roubar a alma de uma mulher chamada Hester Swane” (CARR, 2017, p. 15). Diante da recente morte da cisne negra, a Asa Negra – que, mais tarde, sabemos estar espiritualmente conectada a Hester, devido a uma maldição lançada por sua mãe – Hester entra em um estado de meditação, em um estado de busca por si própria.

Conhecida pela sua origem cigana, Hester muitas vezes é menosprezada por isso. Ela demonstra sua diferença cultural e tem orgulho de seu sangue cigano “[...] este lugar tem mais de mim do que de qualquer um de vocês. E quanto ao meu sangue cigano, tenho orgulho dele” (CARR, 2017, p. 65-66). Embora sinta que pertence ao pântano, não é bem quista pela maior parte dos moradores do Pântano dos Gatos. Assim como Medeia, que, embora vivesse em Corinto, não era considerada uma cidadã grega.

O não pertencimento de Medeia à sociedade grega não se vale apenas por sua origem bárbara, mas, como vimos anteriormente, tem a ver principalmente com sua condição de mulher. Dessa forma, verificamos que tanto Hester quanto Medeia acabam sendo excluídas por força das construções sociais determinadas a partir do gênero. A respeito das noções de gênero, Judith Butler afirma que:

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da ‘pessoa’ transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2003, p. 20)

O gênero é um fator determinante nas relações de poder. Em ambas as peças, verificamos que são os homens que escolhem quando vão deixá-las ou determinam para onde elas devem ir. Nesse sentido, conforme elucidado por Scott (1995, p. 86) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas

nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Na peça de Eurípedes, Medeia também é responsável pelas conquistas do marido. É ela quem possibilita a Jasão a conquista do Velo de Ouro, utilizando-se de seus feitiços e que, até mesmo, matando seu irmão para que o casal possa fugir da Cólquida. Ao chegar a Corinto, tempos depois, Jasão apaixonou-se pela filha do rei, abandonando então aquela que fez tudo por ele. Medeia, incrédula com a situação, lembra-o que deixou sua família para segui-lo e que o salvou várias vezes:

[...] Começarei
pelo princípio. Eu te salvei [...]
Fui eu que, oferecendo-te modos e meios
de matar o dragão, guarda do toção áureo,
imune ao sono, com seus múltiplos anéis,
fiz brilhar para ti a luz da salvação.
Traí meu pai, eu, sim, e traí a família
para levar-te a lolco (foi maior o amor
que a sensatez); fiz Pelias morrer também,
da morte mais cruel, imposta pelas filhas,
e te livre de todos os receios, Jáson.
Tratado assim por nós, homem mais vil de todos,
tu me traíste e já subiste em leito novo
(e já tinhas teus filhos!). Se ainda estivesses
sem descendência, então seria perdoável
que desejasses outro leito. Dissipou-se
a fé nos juramentos teus e não sei mais
se crês que os deuses de outros tempos já não reinam
ou se pensas que no momento há novas leis
para os mortais, pois deves ter noção, ao menos,
de tua felonía em relação a mim.
(EURÍPEDES, 1991, p. 36-37)

Nesse sentido, percebemos a relação entre as personagens Hester e Medeia no que diz respeito aos seus relacionamentos e aos sentimentos despertados pela traição, visto que ambas se sentiram usadas, pois depois de conseguirem o que queriam, Carthage e Jasão as deixam por outras jovens esposas. Medeia, assim como Hester, também se sente preterida ao não saber para onde irá depois de sua separação com Jasão. Consegue refúgio na cidade de Egeu, executa seu plano final: busca se redimir com Jasão, oferece presentes envenenados à Glauce (amante de Jasão), e, por último, mata seus próprios filhos.

Tanto em *Medeia*, quanto em *No Pântano dos Gatos...*, observamos que é explorada a questão da posição da mulher na sociedade, bem como a natureza de seus atos de fúria. Hester e Medeia são mulheres fortes que se recusam a serem vitimizadas e lutam pela justiça e por suas honras, passando por cima de toda a opressão e moralidade patriarcal.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados nesta pesquisa, notamos que a estrutura patriarcal e a subjugação feminina estão presentes tanto em *Medeia* como em *No Pântano dos Gatos...*, mesmo que entre elas exista um lapso de

tempo muito significativo. Vale a pena lembrar que não analisamos particularmente a atrocidade dos assassinatos dos filhos por suas próprias mães em ambas as peças – caráter simbólico da raiva que geralmente é associado à Medeia. Nossa intenção era verificar a representação do feminino que, na peça de Eurípedes, está associado com a ameaça xenofóbica e com a função didática de manter a mulher sob controle dentro da sociedade patriarcal e, no texto de Carr, percebemos o quão traumáticos são os efeitos que a sociedade patriarcal exerce sobre a mulher. São, certamente, posicionamentos autorais distintos e próprios de seus tempos.

O uso da teoria de Bakhtin foi muito relevante para o desenvolvimento deste trabalho, uma vez que pudemos observar que, enquanto algumas verdades são pronunciadas por uma única pessoa e em uma única voz, ou seja, são monológicas, outras precisam de, pelo menos, duas consciências interagindo e, portanto, são essencialmente dialógicas por natureza. Percebemos o diálogo entre os textos dramáticos e pudemos entender o que Carr precisou adaptar de *Medeia* para fluir naturalmente em *No Pântano dos Gatos...*

A partir desse diálogo, observamos que as figuras femininas, em sua maioria, sempre se constroem a partir do olhar do patriarcado, que além de ditar as regras do que é moral e imoral, julga e envergonha as mulheres, reduzindo-as às suas capacidades reprodutivas, ao seu “instinto materno” e à feminilidade, além de perpetuar discursos ofensivos, principalmente no que diz respeito à sanidade mental das mulheres. Não é raro observarmos que as mulheres que se posicionam e perseveram na luta por seus direitos são vistas como histéricas e indecentes.

É importante voltarmos nosso olhar às particularidades intrínsecas das Medeias do teatro, da literatura, das artes em geral e, conseqüentemente, daquelas da vida real, que, injustiçadas, traídas e mal compreendidas, em uma sociedade que enaltece o masculino, podem recorrer a atos extremos com os quais não conseguem conviver. Carr faz uma visita à *Medeia* e procura captar a essência e o sofrimento da personagem para sua versão contemporânea. Assim como Medeia, Hester não aceita seu lugar determinado pelo patriarcado e age de acordo com suas próprias convicções. Muitas vezes é observado apenas o lado perverso dessas duas figuras, que mataram seus próprios filhos e irmãos, sem ao menos considerar que a fúria é inerente ao sentimento de traição e abandono.

É interessante pensarmos em como seriam as reações de Jasão ou Carthage caso a traição ocorresse por parte de Medeia ou de Hester. Certamente não seriam representados como loucos, e seus atos, por mais perversos que fossem, seriam sempre justificados de acordo com as premissas patriarcais, visto que normatizavam e legalizavam as traições por parte dos homens, mas condenavam – muitas vezes à morte – o adultério por parte das mulheres. Muitas dessas convenções masculinas, tristemente, ainda são observadas em nossa contemporaneidade, ainda que de forma tácita. Dessa forma, percebemos que mesmo em diferentes épocas, os papéis femininos continuam sendo representados de maneira semelhante, mesmo que em tom de crítica, e que as discussões de gênero e feminismo devem, mais do que nunca, fazer parte da sociedade, a fim de possibilitarmos a construção de um espaço cada vez mais igualitário para todos os gêneros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à querida Prof.^a Mariese pela oportunidade de fazer parte deste projeto e por termos compartilhado tantos momentos enriquecedores. Estendo meus agradecimentos à CAPES e à UTFPR, por possibilitarem, mesmo que indiretamente, esta pesquisa e me proporcionarem essa adorável experiência de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **The dialogic imagination: four essays**. Michael Holquist (Org.). Trad. de Caryl Emerson e Michael Holquist. Austin: U of Texas P, 1981.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo 2: a experiência vivida**. 2. ed. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARR, M. **No pântano dos gatos...** Trad. de Alinne Balduino Pires Fernandes. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017.

EURÍPEDES. **Medeia, Hipólito, as troianas**. 7. ed. v. 3. Trad. de Mário da Gama Kury. São Paulo: Zahar, 1991.

FERNANDES, A. B. P. **O teatro de Marina Carr: manutenção e subversão do cânone irlandês**. Anuário de Literatura, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 31-43, abr. 2018. ISSN 2175-7917. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2018v23n1p3>. Acesso em: 13 abr. 2020. doi:<https://doi.org/10.5007/2175-7917.2018v23n1p31.artigo>

HUTCHEON, L. **A theory of adaptation**. Nova York: Routledge, 2006.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SANDERS, J. **Adaptation and appropriation**. Nova York: Routledge, 2006.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 07 ago. 2020.